



CAP-UERJ

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES
INSTITUTO DE APLICAÇÃO FERNANDO RODRIGUES DA SILVEIRA**

Disciplina: Língua Portuguesa (Produção Textual)

Coord.:

Turmas:

Professora: Angélica Castilho

Aluno(a): _____

nº.: ____ **Data:** __/__/____

UNIDADE: conto/crônica; artigo de opinião; leitura e interpretação; progressão textual; produção textual - ensaio; normas e usos linguísticos.

TEXTO 1

RESTOS DE CARNAVAL

Clarice Lispector

Não, não deste último carnaval. Mas não sei por que este me transportou para a minha infância e para as quartas-feiras de cinzas nas ruas mortas onde esvoaçavam despojos de serpentina e confete. Uma ou outra beata com um véu cobrindo a cabeça ia à igreja, atravessando a rua tão extremamente vazia que se segue ao carnaval. Até que viesse o outro ano.

E quando a festa ia se aproximando, como explicar a agitação íntima que me tomava? Como se enfim o mundo se abrisse de botão que era em grande rosa escarlate. Como se as ruas e praças do Recife enfim explicassem para que tinham sido feitas. Como se vozes humanas enfim cantassem a capacidade de prazer que era secreta em mim. Carnaval era meu, meu.

No entanto, na realidade, eu dele pouco participava. Nunca tinha ido a um baile infantil, nunca me haviam fantasiado. Em compensação deixavam-me ficar até umas 11 horas da noite à porta do pé de escada do sobrado onde morávamos, olhando ávida os outros se divertirem. Duas coisas preciosas eu ganhava então e economizava-as com avareza para durarem os três dias: um lança-perfume e um saco de confete. Ah, está se tornando difícil escrever. Porque sinto como ficarei de coração escuro ao constatar que, mesmo me agregando tão pouco à alegria, eu era de tal modo sedenta que um quase nada já me tornava uma menina feliz.

E as máscaras? Eu tinha medo, mas era um medo vital e necessário porque vinha de encontro à minha mais profunda suspeita de que o rosto humano também fosse uma espécie de máscara. À porta do meu pé de escada, se um mascarado falava comigo, eu de súbito entrava no contato indispensável com o meu mundo interior, que não era feito só de duendes e príncipes encantados, mas de pessoas com o seu mistério. Até meu susto com os mascarados, pois, era essencial para mim.

Não me fantasiavam: no meio das preocupações com minha mãe doente, ninguém em casa tinha cabeça para carnaval de criança. Mas eu pedia a uma de minhas irmãs para enrolar aqueles meus cabelos lisos que me causavam tanto desgosto e tinha então a vaidade de possuir cabelos frisados pelo menos durante três dias por ano. Nesses três dias, ainda, minha irmã acedia ao meu sonho intenso de ser uma moça - eu mal podia esperar pela saída de uma infância vulnerável - e pintava minha boca de batom bem forte, passando também ruge nas minhas faces. Então eu me sentia bonita e feminina, eu escapava da meninice.

Mas houve um carnaval diferente dos outros. Tão milagroso que eu não conseguia acreditar que tanto me fosse dado, eu, que já aprendera a pedir pouco. É que a mãe de uma amiga minha resolvera fantasiar a filha e o nome da fantasia era no figurino Rosa. Para isso comprara folhas e folhas de papel crepom cor-de-rosa, com as quais, suponho, pretendia imitar as pétalas de uma flor. Boquiaberta, eu assistia pouco a pouco à fantasia tomando forma e se criando. Embora de pétalas o papel crepom nem de longe lembrasse, eu pensava seriamente que era uma das fantasias mais belas que jamais vira.

Foi quando aconteceu, por simples acaso, o inesperado: sobrou papel crepom, e muito. E a mãe de minha amiga - talvez atendendo a meu apelo mudo, ao meu mudo desespero de inveja, ou talvez por pura bondade, já que sobrara papel - resolveu fazer para mim também uma fantasia de rosa com o que restara de material. Naquele carnaval, pois, pela primeira vez na vida eu teria o que sempre quisera: ia ser outra que não eu mesma.

Até os preparativos já me deixavam tonta de felicidade. Nunca me sentira tão ocupada: minuciosamente, minha amiga e eu calculávamos tudo, embaixo da fantasia usaríamos combinação, pois se chovesse e a fantasia se derretesse pelo menos estaríamos de algum modo vestidas - à ideia de uma chuva que de repente nos deixasse, nos nossos pudores femininos de oito anos, de combinação na rua, morríamos previamente de vergonha - mas ah! Deus nos ajudaria! não choveria! Quanto ao fato de minha fantasia só existir por causa das sobras de outra, engoli com alguma dor meu orgulho, que sempre fora feroz, e aceitei humilde o que o destino me dava de esmola.

Mas por que exatamente aquele carnaval, o único de fantasia, teve que ser tão melancólico? De manhã cedo no domingo eu já estava de cabelos enrolados para que até de tarde o frisado pegasse bem. Mas os minutos não passavam, de tanta ansiedade. Enfim, enfim! Chegaram três horas da tarde: com cuidado para não rasgar o papel, eu me vesti de rosa.

Muitas coisas que me aconteceram tão piores que estas, eu já perdoei. No entanto essa não posso sequer entender agora: o jogo de dados de um destino é irracional? É impiedoso. Quando eu estava vestida de papel crepom todo armado, ainda com os cabelos enrolados e ainda sem batom e ruge - minha mãe de súbito piorou muito de saúde, um alvoroço repentino se criou em casa e mandaram-me comprar depressa um remédio na farmácia. Fui correndo vestida de rosa - mas o rosto ainda nu não tinha a máscara de moça que cobriria minha tão exposta vida infantil - fui correndo, correndo, perplexa, atônita, entre serpentinas, confetes e gritos de carnaval. A alegria dos outros me espantava.

Quando horas depois a atmosfera em casa acalmou-se, minha irmã me penteou e pintou-me. Mas alguma coisa tinha morrido em mim. E, como nas histórias que eu havia lido sobre fadas que encantavam e desencantavam pessoas, eu fora desencantada; não era mais uma rosa, era de novo uma simples menina. Desci até a rua e ali de pé eu não era uma flor, era um palhaço pensativo de lábios encarnados. Na minha fome de sentir êxtase, às vezes começava a ficar alegre mas com remorso lembrava-me do estado grave de minha mãe e de novo eu morria.

Só horas depois é que veio a salvação. E se depressa agarrei-me a ela é porque tanto precisava me salvar. Um menino de uns 12 anos, o que para mim significava um rapaz, esse menino muito bonito parou diante de mim e, numa mistura de carinho, grossura, brincadeira e sensualidade, cobriu meus cabelos, já lisos, de confete: por um instante ficamos nos defrontando, sorrindo, sem falar. E eu então, mulherzinha de 8 anos, considerei pelo resto da noite que enfim alguém me havia reconhecido: eu era, sim, uma rosa.

(LISPECTOR, Clarice. *Felicidade clandestina*. Rio de Janeiro, Rocco, 1998. p. 25-28)



FEVEREIRO, UM BELO MÊS JOGADO FORA

por FERNANDA YOUNG

Nunca gostei de carnaval. Eu sei, você gosta, mas eu não. E podem me chamar de espírito de porco falando mal de carnaval, no mês do carnaval, porque sou assim mesmo: uma desmancha-prazeres dos clichês.

Veja bem, nada contra encher a cara e sair dançando e beijando por aí – fiz isso a minha adolescência toda. O problema, para mim, é fazer isso com data marcada. A pessoa é de um jeito o ano inteiro, aí chega no carnaval e “descaralha”. Há algo nesse hábito que não me agrada.

Tudo bem, o povo sofrido se diverte, ótimo. Mas eu quero ter o direito de não suportar essas músicas, essas danças, essa histeria toda. E não tenho, pois em fevereiro, no Brasil, a alegria é obrigatória.

Sempre fui do contra, confesso. Se sou obrigada a fazer uma coisa, faço questão de fazer justamente o contrário. Talvez seja isso, então: não gosto de carnaval porque sou uma traumatizada. Ou talvez não seja. Vai ver, não gosto do carnaval porque a proposta estética-filosófica é de extremo mau gosto. Ou porque as piranhas de repente dominam o ambiente, com suas bundas balançantes de fora, e somos forçados a ver celulites com purpurina em todos os canais, todas as revistas, todos os jornais.

E como os desmancha-prazeres são paranóicos, aproveito para levantar uma teoria de conspiração: será que o carnaval não é um tipo de lavagem cerebral coletiva?

Por acaso você já viu algum repórter, desses que entram ao vivo de todas as capitais, dizendo na TV: “Estamos aqui em não-sei-onde e o carnaval de rua daqui, este ano, não foi muito animado”. Hein? Já viu? Será que todos os carnavais de todas as cidades brasileiras são realmente sempre tão animados quanto os repórteres dizem? Será que nem uma vezinha existiu um lugar onde a festa foi mais ou menos?

Aí você me pergunta: mas quem estaria por trás disso? Quem estaria interessado em ver um país inteiro parar durante um mês? Ora, todos os outros países, que são nossos competidores e continuam funcionando normalmente.

É isso então, entendeu? O carnaval é resultado de um complô mundial contra o Brasil. Mais especificamente contra mim. Sou, portanto, uma heroína da resistência. Um dia, serei homenageada, dando nome a uma rua. Sim, haverá uma Avenida Fernanda Young.

Onde, em fevereiro, ocorrerá um animadíssimo desfile de blocos.

ILUSTRAÇÃO: SPETO

PROPOSTA DE ESCRITA:

A partir do texto lido e em diálogo com ele (por meio de citações diretas e/ou indiretas), apresente seu ponto de vista sobre *as relações pessoais e socioculturais entre os brasileiros e o carnaval* em um **ensaio**.

Para lembrar, o **gênero ensaio** apresenta o ponto de vista do autor e possui na argumentação a base das ideias apresentadas e, diferente de uma dissertação tradicional, não é obrigatório apresentar provas do que se diz (quando se deseja, é comum citar e mesmo trazer no final uma bibliografia), o que se busca é analisar situações, comportamentos, experiências e o que mais for de interesse do autor. É um texto muito mais fundamentado na percepção do mundo e das coisas que o autor considera importante discutir e que, por isso, pode apontar muitas ideias sobre o mesmo tema, abrindo para muitas possibilidades, hipóteses, verdades. Quanto à estrutura, geralmente, apresenta título, o tema é posto em evidência, possui introdução, desenvolvimento das ideias e conclusão (mas muito possivelmente não o encerramento da questão).

Dê um título para seu texto.

Utilize linguagem formal.

Mínimo de 30 linhas, máximo de 50 linhas.



<http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>
Produção textual: carnaval de ANGÉLICA DE OLIVEIRA CASTILHO PEREIRA está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-Compartilhalgual 4.0 Internacional.

Título: Produção textual: carnaval.

Use este link para compartilhar ou citar este material: